



SEÇÃO: ENSAIOS

O 'outro' como "outro": representações da estrangeiridade

The "other" as "other": representations of foreignness

Amilton Queiroz¹

orcid.org/0000-0001-8892-5435
amiltqueiroz@hotmail.com

Rogério Nogueira

Mesquita²

orcid.org/0000-0003-3133-7821
rogerio_vitorioso@yahoo.com.br

Ezilda Maciel Silva³

orcid.org/0000-0002-8736-5808
ezilda.silva@hotmail.com

Recebido em: 6/3/2020.

Aprovado em: 27/3/2020.

Publicado em: 25/2/2021.

Resumo: Neste artigo, propomos abordar, de maneira pontual, o seguinte enfoque: como falar do 'outro' como "outro" hoje na literatura contemporânea? Feito isso, analisamos uma possível poética do encontro de culturas, bem como sugerimos uma interpretação do mapa da estrangeiridade no romance *Relato de um certo oriente*⁴ (1989), de Milton Hatoum. Depois de focar tais aspectos, tecemos breves considerações sobre essa narrativa do autor amazônico, procurando ensaiar, testar e reapontar novas leituras de "um certo oriente" que dialogicamente possa ser vislumbrado na errância semântica proposta pelos pronomes para quê, quando, onde, como e por que falar da representação da estrangeiridade na cena contemporânea.

Palavras-chave: Representação. Estrangeiridade. Literatura.

Abstract: In this article, we propose to address, in a timely manner, the following approach: how to speak of the 'other' as 'other' today? That done, we analyzed a possible poetics of the encounter of cultures, as well as suggested an interpretation of the map of foreignness in Milton Hatoum's novel *Report de um orient* (1989). After focusing on these aspects, we make brief considerations about this narrative by the Amazonian author, trying to rehearse, test and re-point new readings of "a certain orient" that dialogically can be glimpsed in the semantic errand proposed by the pronouns for what, when, where, how and why talk about the representation of foreignness in the contemporary scene.

Keywords: Representation. Foreignness. Literature.

Introdução

Para direcionar nosso percurso de leitura aqui proposto, de início, uma pergunta poderia ser formulada: como ler ou se poderíamos ler a escrita de autores que têm procurado escutar, ou se preferirmos, representar, ensaiar e reapontar a força de vozes tanto heterogêneas quanto dissonantes que compõem a literatura contemporânea? E quais poderiam ser hoje as motivações para ler romances que continuam, de forma diversa, a desafiar nossa compreensão do mundo; e quais os tipos de hipóteses que poderiam ser plausíveis para justificar a representação de alteridades tão díspares, porém radicalmente conectadas na cena literária brasileira?



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Acre (Ufac), Rio Branco, AC, Brasil.

² Universidade Federal de Rondônia (Unir), Porto Velho, RO, Brasil.

³ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Marabá, PA, Brasil.

⁴ Doravante, empregaremos apenas o termo *Relato*.

Pensando essas questões, cotejamos realizar um rápido olhar nas reflexões que Ruy Duarte de Carvalho (1995) elabora sobre as categorias de análise outro, 'outro' e "outro"⁵ no ensaio "É tempo de ouvir o 'outro' e enquanto o "outro" existe, antes que haja só o outro... Ou pré-manifesto neo-animista". A par dos desdobramentos que possam ocorrer, propomos desenvolver, de maneira pontual, o seguinte enfoque: como falar do 'outro' como "outro" hoje? Feito isso, abordarmos, em um segundo momento, os encontros de culturas, bem como o mapa da estrangeiridade no romance *Relato*, de Milton Hatoum. Analisados tais aspectos, tecemos breves considerações a respeito da representação da estrangeiridade na literatura brasileira contemporânea, procurando ampliar os sentidos do 'outro' como "outro" e seus modos de desafiar o paradigma ocidental e ocidentalizante da modernidade universal europeia.

Feita essa consideração, avancemos em direção às ponderações do intelectual africano. No ensaio-manifesto de 1995, Ruy Duarte compreende o Outro, sublinhado ou itálico, como sujeitos nascidos e constituídos nas ex-metrópoles, a partir de genitores ex-colonizados ou provenientes de ex-colônias, tendo pleno direito estatutário, que integram as populações nacionais. De modo diferente, o outro, entre apóstrofes, é concebido como o ex-colonizado ocidentalizado com que o Ocidente lida no contexto das ex-colônias. Por sua vez, o "outro", entre aspas, são aqueles sujeitos que, embora integrados como nacionais e estados-nação de contornos ex-coloniais, preservam usos, práticas e comportamentos mais afinados aos "quadros pré-coloniais do que pós-coloniais ou mais ou menos ocidentalizados" (CARVALHO, 1995, p. 24). Nessa perspectiva, o intelectual angolano destaca que esse "outro" não, "ou ainda não completamente ocidentalizado" continua a ser objeto de pressão ocidentalizante. E mais, tal força transforma-se na marca dominante do cotidiano de "um outro não ocidentalizado". Noutras palavras, esse é posto deliberadamente sob a tutela dos pretensos direitos do homem que passam a

vigorar, de um lado, como universais, tornando, de outro lado, o regime de visibilidade desse "outro ainda não ocidentalizado" como local.

Configurada a diferença das três categorias, Ruy Duarte constata que as ex-metrópoles não sabem o que fazer com tais conceitos de sujeito, surgindo daí a perspectiva de ensaiar leituras dos problemas, impasses colocados ao mundo de hoje pelo processo histórico da expansão ocidental, bem como identificar os modos pelos quais a matriz ocidental acabou por impor-se ao mundo inteiro. Desse modo, ao defender que o mundo ocidental, e ocidentalizado, não pode mais ignorar a necessidade vigente de fazer algo realmente inédito, o ensaísta angolano apresenta a seguinte hipótese: não seria já a hora de "atender ao que toda espécie de vozes que o mundo ainda comporta poderá dizer no interesse talvez de todos?" (CARVALHO, 1995, p. 25) Isto é, estamos diante de uma interpelação que ensaia e convida ouvir as vozes daquele "outro" envolvido pelas aspas, com seus modos, práticas e saberes, não perdendo de vista ainda o 'outro' entre as apóstrofes, haja vista ele também ter sido deliberadamente envolvido na trama do discurso ocidental e sofrido espoliações que perduram até hoje.

Indagado sobre como seria realizada sua proposta de trabalho, centrada em ouvir o 'outro' enquanto o "outro" existe, Ruy Duarte (2005, p. 26) arremata assim:

É não ter um caminho a propor... é antes ter algumas ideias para eventual hipótese de poder vir a ajudar a encontrar alguma maneira de encontrar caminho... admitir uma possível perturbação, reconfiguração ou mesmo substituição prospectiva, pragmática e programática do paradigma cosmogónico, cognitivo, institucional e político ocidental / global / universal, recorrendo a outros quadros paradigmáticos... não se trataria de introduzir qualquer espécie de remedeio, de compensação ou de arranjo nos terrenos do paradigma humanista, mas antes de tentar configurar, ou reconfigurar, um novo paradigma... no âmbito desta proposta a hipótese apenas seria encarada a partir e através da identificação, da convocação e da possível integração de dados provenientes de outros quadros de concepção, cognição, representação e ação afins a gêneses africanas e outras... não se trataria seguramente de tentar sustentar a mudança mas de convocar

⁵ Explicaremos em seguida o uso de apóstrofo em 'outro' e de aspas em "outro", atribuído por Carvahó (1995).

outros saberes, outras visões, outras maneiras, outras hipóteses de mudança para além da que é imposta pelo programa ocidental... nem se trataria de visar a substituição de um paradigma por outro ou de propor um melhor que o outro... mas alvitrar apenas alguma ação que soubesse extrair do que se sabe, e de todos os meios e expressões, alguma maneira melhor de lidar com toda a ordem de impasses sem estar a criar sempre novos impasses civilizacionais, acrescentando novos impasses a toda a ordem deles...

A perspectiva de Duarte é de um tal modo incisiva e dialógica que as suas proposições são, aliás, atravessadas por questionar os modos de ler, pesquisar e interpretar todas as existências, divinas, biológicas e minerais, por exemplo. Com isso, não procura trazer soluções de como salvar o "outro" e o 'outro' frente ao outro ocidentalizado; fazer isso seria praticar o *modus operandi* ocidental. Muito pelo contrário, o que Duarte realiza é a urgência de manter vivo o direito de interpelar, isto é, levar o "outro" e 'outro' em consideração e ouvi-los no que poderão ter a nos ensinar. Por isso, questionar o paradigma cognitivo, institucional e político ocidental significa reapontar práticas diferentes que acabem por convir a todos, incluindo aí ter a possibilidade recorrer a outros quadros paradigmáticos portadores de diferentes concepções, cognições, representações, ações e atitudes mais heterogêneas.

Tornando mais agudo o ângulo de seu enfoque, Duarte defende extrair de outros quadros paradigmáticos alguma maneira de lidar com toda ordem de impasses, problemas e paradoxos do mundo contemporâneo. Declarando não ter pretensão de salvar ou socorrer quaisquer austeridades monovocais, o intelectual angolano apresenta-nos, afinal, uma forma de olhar para o mundo em suas incontornáveis mutações, partindo, sobretudo, de uma releitura das relações do homem com distintas cosmogonias e cosmologias. Esse ato de ler deve estar afinado, dialogicamente, com práticas culturais a partir das quais seja possível ensaiar, experimentar, ver e fomentar novas leituras que permitam construir novas incursões críticas, extraíndo, portanto, novas visões, novas questões e novos interesses que compõem o mundo atual.

Reconhecido e exposto o programa de abordagem sugerido por Ruy Duarte em seu ensaio-manifesto, procuramos pensar, agora, como a alteridade é representada em *Relato?* Antes, porém, falemos, rapidamente, desse romance. Tal obra, de autoria de Milton Hatoum, escritor manauara radicado hoje em São Paulo, apresenta uma composição bastante dinâmica, tanto do ponto de vista de sua estrutura quanto do plano da enunciação. O caráter polifônico do romance instala-se desde o ato de narrar da narradora principal, inominada, passando por vozes locais como a Anastácio Socorro, Hakim, bem como atravessando as vozes dos estrangeiros libaneses Emilie e seu esposo, e a do fotógrafo alemão Dorner. O espaço da narrativa – uma Manaus urbana do século XX – é a casa de estrangeiros libaneses que praticam religiões distintas – catolicismo e islamismo.

O enredo do romance é calcado na escrita de um relato de uma narradora marcada pela orfandade. Internada durante um período em um hospício em São Paulo, ela retorna à terra natal – Manaus – e vai reconstruir, via escrita, o itinerário das histórias de vida dos donos, empregados e amigos da casa libanesa. Em linhas gerais, a narradora elabora uma cartografia das ruínas de uma casa estrangeira e seus habitantes, além de, em um plano mais amplo, denunciar o avanço dos projetos nefastos de integração da Amazônia às práticas predatórias do neoliberalismo e à destruição do patrimônio ecológico, humano e simbólico de populações indígenas e ribeirinhas, expatriadas dentro própria "nação" para atender à demanda do chamado desenvolvimento econômico em detrimento da vida humana e da floresta.

Destarte, a situação de orfandade e herdeira de uma tradição local vivida pela narradora como 'outro' – isto é, ex-colonizada mulher, brasileira e manauara – revela um modo de representar os impasses da constituição identitária, ensaiando um caminho aberto para reapontar novas visões do 'outro' entre apóstrofes. Seguindo nesse viés, Hakim também é um 'outro', pois nasce em território brasileiro, sendo filho de 'outro' libanês. Além disso, a empregada Anastácia Socorro conhece o

que é ser esse 'outro' no próprio espaço manauara. Da mesma forma, porém com os traços das culturas libanesa e alemã – Emilie e seu marido são um 'outro' que habitam a terra estrangeira local, bem como Dorner pratica seu 'outro' e convive com o 'outro' indígena nas aldeias de Manaus.

Na leitura esboçada aqui, o encontro desses 'outros' na casa, cidade e loja permite-lhes reconhecer, ouvir e reapontar a força dos "outros" – ou seja, aqueles não, ou ainda não completamente, ocidentalizados. De um lado, tais "outros" podem ser encontrados também dentro da própria cultura brasileira – como a empregada Anastácio Socorro e Lobato Natividade – um nativo que domina como ninguém os conhecimentos medicinais da floresta. De outro lado, os "outros" ainda não completamente ocidentalizados habitam às práticas de Emilie, seu esposo e o alemão Dorner. Juntos, tanto os "outros" brasileiros quanto os "outros" estrangeiros fazem parte de uma representação literária em que cada personagem tem algo para propor ao mundo – a partir de suas cosmologias e cosmogonias – trazendo perspectivas alternativas que emanam de dinâmicas que o mundo moderno parece pouco disposto a pôr em discussão.

Puxando os fios da argumentação praticada desde o primeiro parágrafo deste tópico, com vistas a entrelaçá-los e abrir brechas para começar o segundo momento dessa escrita, teríamos a dizer o seguinte: um modo de ler ou como poderiam ser lidas as obras contemporâneas reside em escutar o 'outro' como "outro" representado nelas e por elas a experimentar quando a realidade vai ao encontro da ficção e vice-versa. Em nosso entender, não podemos nem ofuscar, nem preterir, nem retardar a preocupação vital de ensaiar leituras de novas formas de enunciação que solicitam, por sua vez, um empenho intelectual para que o 'outro' como "outro" seja, de fato, tido em conta e ouvido nas textualidades do mundo atual.

Poética do encontro

Conectada à reflexão do tópico acima, mas também projetada além dela, a segunda parte dessa escrita tem por foco desenvolver o argumento de que o mapa da estrangeiridade que

Relato desenha é o de uma poética do encontro, onde as linhas do imaginário estão ali reconfiguradas em seu poder de infiltração ética. Apontamos, então, que o mundo do qual fala o texto do autor amazônico é absolutamente heterogêneo. Por isso, o texto se apresenta a contrapelo de uma recepção cerrada do outro e desenvolve o tom conversacional de alteridades, articulando falas de postura interessada e antiolímpica, de forma a desenvolver uma consciência do intercâmbio paradoxal com o outro. Para realizar esse intento, consideramos fundamental iniciar nossa abordagem dialogando com Julia Kristeva e Tzvetan Todorov, dois estudiosos que abordam a condição de estrangeiros em suas múltiplas linhas de força e trazem contribuições importantes para as Ciências Humanas, dentre as quais a literatura tem sido um espaço de inflexão dos intelectuais.

A conquista da América – a questão do outro (1988), *Nós e os outros – a reflexão francesa sobre a diversidade humana* (1994) e *Estrangeiros para nós mesmos* (1994) são obras que enfocam a diversidade humana. Neles, os estudiosos búlgaro-franceses refletem sobre a relação entre o estranho, o familiar, o distante e o próximo, apontando para tantas outras estrangeiridades ainda por investigar na contemporaneidade. A relação nós – grupo social determinado – e os outros – aqueles que têm uma identidade diferente de nós – é o foco dos pensadores, que colocam perguntas-chave para pensarmos a ação humana, tais como: quem é o outro? Quem é nós? Como se comportar diante do outro?

Em face de tais interpelações, compreendemos que um dos nortes dinâmicos de *Relato de um certo Oriente* está em praticar uma escrita que reconhece não poder falar pelo outro ou em nome dele. Noutras palavras, *Relato* constrói-se à margem da concepção fechada de nacional e de estrangeiro, ao mesmo tempo em que promove a sobreposição desses em seus diferentes níveis de estrangeiridade. Por tal ângulo, é uma narrativa que não busca a homogeneização de culturas ou mesmo uma reordenação interpretativa fixa. Observe-se como a narradora dá a conhecer ao leitor o processo de construção do livro, tornando

visível a dificuldade de escrita: "Quantas vezes recomecei a ordenação dos episódios, e quantas vezes me surpreendi ao esbarrar no mesmo início, ou no vaivém vertiginoso de capítulos enlaçados, formados de páginas e páginas de forma caótica" (HATOUM, 2004, p. 165).

Atentemos, então, para a relação intercultural das personagens do romance. Para tanto, sublinhamos que a estrangeiridade da narradora não se fixa nas coisas, mas se expande até as virtualidades das diferenças, de modo a mapear a estrangeiridade do encontro de culturas. A propósito, essa questão pode ser reconhecida na indecisão da narradora, ao ter de sistematizar vozes tão díspares:

Também me deparei com outro problema: como transcrever a fala engrolada de uns e o sotaque de outros? Tantas confidências de várias pessoas em tão poucos dias ressoavam como um coral de vozes dispersas. Restava então recorrer à minha própria voz, que planaria como um pássaro gigantesco e frágil sobre as outras vozes (HATOUM, 2004, p. 165-166).

Neste fragmento, visualizamos a preocupação com "outro", bem como a impossibilidade de falar por ele. A narradora atua, assim, no signo da estrangeiridade, tirando partido dessa para identificar a interabilidade de vozes e reconhecer a inexistência de uma fala que já não é mais própria, nem a do outro. Todas as vozes estão posicionadas no plano da estrangeiridade, na qual a voz principal da narradora articula o tom frágil de sua existência para traçar um mapeamento do encontro. Em tal direção, a referência às "tantas confidências de várias pessoas" coloca em pauta o mapa do contraponto entre o Brasil e as culturas estrangeiras libanesas, portuguesas, alemãs, cartografando, de maneira singular, os modos de olhar revelados pela produção literária hatouniana.

Neste modo de olhar e narrar a interação de culturas no mundo amazônico, configura-se um cosmopolitismo do pobre (SANTIAGO, 2004), sem complexo de inferioridade, suplementado paradoxalmente pelo estrangeiro. A narradora, em nosso entender, inscreve-se na linha de fuga do fantasma híbrido de Hamlet: "O mundo está fora dos eixos. Oh! Maldita sorte... Por que nasci para

colocá-lo em ordem" (SHAKESPEARE, 1994, p. 32). Desse modo, entendemos que a estrangeiridade realiza-se em uma poética do encontro, na qual as linhas de fuga percorridas pela narradora do relato constituem espaços de deslocamento que promovem uma cartografia cultural onde:

Os cidadãos estão aquém (porque pertencem a grupos minoritários nacionalmente, desprivilegiados que são pelo poder central) e estão além (porque fazem aliança com outros grupos minoritários estrangeiros, desprivilegiados que são pela globalização do nacional. Há um regionalismo (insisto no conceito) dentro do nacional que, feita a ponte cosmopolita, se transforma num regionalismo (idem) dentro da globalização. É a combinação do regionalismo nacional com o regionalismo globalizado que se torna, neste milênio, o modo mais efetivo de crítica aos desmandos da mundialização econômica em vigor (SANTIAGO, 2011, p. 158).

O argumento de Silvano Santiago é interessante para a compreensão da estrangeiridade no *Relato*. A estrangeiridade é um estilo de vida, ou seja, um caminho para se repetir em diferença outras formas de vida, tendo no literário uma de suas instâncias para inventar alternativas. Aliás, a estrangeiridade não existe a partir de percursos lineares. Sua dominância é o movimento pendular. Seu agir dá-se em forças paralelas que se tocam e influem umas sobre as outras. Seu pensar choca, mistura e cria zonas de redefinição. Seu itinerário não conduz de um lado para o outro, ao contrário, convida a decisões, reformula metas e projeta existências. Por isso, a estrangeiridade inscreve formas de ver e sentir a "combinação do regionalismo nacional com o regionalismo globalizado", configurando linhas de ações coordenadas que tecem campos de diálogo entre os imaginários culturais, na esperança de que o desencaixe possa transformar as limitações e o enriquecimento mútuo.

Por esse prisma de compreensão, o modo de olhar revelado pela narradora do *Relato* está a abandonar a esfera meramente individual para ganhar consistência na troca de ideias, experiências e posturas interculturais. Com isso, a perspectiva da narradora aponta em direção à preocupação com a passagem ao ato de viver a sua estrangeiridade, bem como reconhecer a

estrangeiridade de outras personagens e torná-las agentes do próprio lugar de fala no romance, convidando-as a experimentar a ausência de uma inteireza identitária:

Havia momentos, no entanto, em que me olhavam com insistência: sentia um pouco de temor e de estranheza, e embora um abismo me separasse daquele mundo, a estranheza era mútua, assim como a ameaça e o medo. E eu não queria ser estranha, tendo nascido e vivido aqui (HATOUM, 2004, p. 123).

Nessa passagem, a estrangeiridade vivida pela narradora atua na equação estética estabelecida pelos discursos etnocêntricos. Não para reforçá-los. Antes para reconhecer a condição de ser outro e questionar a alteridade fictícia elaborada por uma operação narcísica europeia. Ao atuar no entrelugar das relações, a estrangeiridade da narradora instala uma ética que suplementa saberes, procurando explorar o encontro em seu caráter inédito e abrir fluxos de representação que precipitam linhas e velocidades incontornáveis. Pelo que se observa, o espaço de figuração proposto pela estrangeiridade visa angariar o olhar plurívoco, no qual se ensaia outra prática de leitura dos encontros culturais, com seus caleidoscópios de alteridades.

Nesse sentido, diríamos que a narradora do *Relato* está sempre a questionar estratégias de leituras unívocas do nacional e do estrangeiro, sob os quais se instalam outras formas de humanidade. Sobre esse aspecto, é com razão que Maria Zilda Cury (2009) fala dos textos do autor manauara como espaços de estranheza, fazendo com que se ouçam vozes nativas em convívio com a fala do imigrante, a constituir uma cartografia ficcional híbrida. Esse caráter híbrido ganha consistência na estrangeiridade praticada por Hakim, brasileiro filho dos estrangeiros libaneses. Esse sujeito cindido mapeia o contato entre a empregada Anastácia e a matriarca Emilie:

Alguma coisa imprecisa ou misteriosa na fala de Anastácia hipnotizava minha mãe. Emilie, ao contrário de meu pai, de Dorner e dos nossos vizinhos, não tinham vivido no interior do Amazonas. Ela, como eu, jamais atravessara o rio. Manaus era o seu mundo visível. O outro latejava na sua memória. Imantada por uma

voz melodiosa, quase encantada, Emilie maravilhava-se com a descrição da trepadeira que espanta inveja, das folhas molhadas de um tajá que reproduz a fortuna de um homem, das receitas de curandeiros que vêem certas ervas da floresta o enigma das doenças mais temíveis, com as infusões de coloração sanguínea aconselhadas para aliviar trinta e seis dores no corpo humano "E existem ervas que não curam nada", revelava a lavadeira, "mas assanham a mente da gente" (HATOUM, 2004, p. 90-91).

Nesse fragmento, o filho da estrangeira narra a condição de estrangeiridade da libanesa que, embora não tivesse andado *in loco* pela floresta, teve contato com tal espaço nas conversas com a Anastácia Socorro. Nesse contexto de relações, o mundo rural chegava à matriarca pela voz do outro, ficando esse alojado em sua memória, bem como a estabelecer trocas culturais entre os imaginários das duas mulheres. O modo de contar e de descrever de Anastácia leva a estrangeira a ter o desejo de atravessar o espaço manauara no plano do simbólico, pois, ao escutar as histórias, a mãe de Hakim projeta imagens da floresta, do homem que a habita e das práticas medicinais. A estrangeiridade ao lugar não visitado permite a Emilie desarquivar imaginários de ausências e inscrever na ordem do oral e do visível outras formas incomuns de vida.

Por tal prisma interpretativo, o quarto torna-se o lugar propício para ampliar a interação entre Anastácia e Emilie, de modo que a alteridade delas não é rasurada, tampouco reduzida a um mesmo. Ao contrário, as duas mulheres experimentam o encontro com o outro em sua estranheza, partilhando o paradoxo da sua acolhida como um igual diferente. Ou seja, o encontro da matriarca e empregada expõe a iterabilidade de culturas, criando uma espécie de mapa em construção, estando sempre a ponto de ser desmontável e conectável às linhas de fuga da narradora e demais personagens. Como a montar as peças do quebra-cabeça do encontro, Hakim amplia o quadro do percurso da empregada:

Anastácia falava horas a fio, sempre gesticulando [...] Ao contar histórias sua vida parava para respirar; e aquela voz trazia para dentro do sobrado, para dentro de mim e de Emilie, visões de um mundo misterioso: não exatamente o da floresta, mas o do imaginário de uma mu-

lher que falava para se poupar, que inventava para tentar escapar ao esforço físico, como se fala permitisse a suspensão momentânea do martírio (HATOUM, 2004, p. 91-92).

Nessa passagem, corpo, voz e cultura são os pontos enfocados por Hakim, traduzindo a memória da brasileira. A metáfora da contação de história sinaliza para uma pausa no itinerário do trabalho. Mais que isso, aquele era um momento ímpar para a libanesa e o brasileiro traduzirem o outro lado do imaginário local de Anastácia, trazendo em si a marca da estrangeiridade. Inclusive, Luiz Alberto Brandão (2005) aponta o convívio entre vozes como um dos traços da relação entre patroa e serviçal. Em tais instâncias de trocas, são representadas nações dentro de nações, línguas dentro de línguas, imaginários dentro de imaginários.

Sintomática desse modo de interação é a representação da estrangeiridade do fotógrafo Dorner, um dos principais amigos da família libanesa e quem fotografou pela última vez Emir, irmão de Emilie, antes desse praticar o suicídio. O alemão Dorner aprendera a falar Nheengatu, quando realizou pesquisas sobre botânica entre os índios manauaras. Em tom de contador de histórias, o germânico resume a trajetória do pai de Hakim:

Foi assim que teu pai resumiu sua vinda para o Brasil, numa tarde em que o procurei para puxar assunto. Curiosa era a maneira como se dirigia a mim: sempre olhando para o Livro aberto: Folheava-o vez ou outra, esfregando os dedos nas folhas de papel e esse convívio inquieto das mãos com o texto sagrado parecia animar sua voz. As outras passagens de sua vida também foram testemunhadas pelo livro; alguma vez foi eloquente, sem deixar de ser humilde, ao comentar várias suratas: a da Aranha, a dos Ventos Disseminadores, a das Vidas de Ascensão e a do Inevitável Evento. Um dia encontrei-o sozinho na Parisiense. Estava sentado atrás do balcão maciço e a ausência do Livro me pareceu uma advertência ou uma indisposição para evocarmos conversas passadas (HATOUM, 2004, p. 7).

No excerto acima, identificamos que a leitura da cultura do outro é uma forma de a estrangeiridade se instalar na prática tradutória do alemão. Mais ainda, observamos que a fala do europeu tem a função de expor para o brasileiro o itinerário do

libanês. Nesse encontro de culturas, livro e vida são colocados em estado de estranheza. O olhar de Dorner está nuançado, diríamos, pela estrangeiridade, que "só se levanta quando descobre sobre as pessoas aparentes a potência de um impessoal, que de modo nenhum é uma generalidade, mas uma singularidade ao mais alto nível" (DELEUZE, 2006, p. 11). Portanto, Dorner procura o elemento vivido, o inédito do encontro, o que ainda o pode mover: a estrangeiridade. Sua voz incita a conversa e a realiza em múltiplas direções para fugir à última palavra ou encerrar o diálogo.

Neste movimento de interação vivido pelas personagens, ao mesmo tempo em que Dorner narra a imigração dos libaneses para Manaus, o germânico também tem seu percurso traduzido por Hakim, que sentencia:

Numa das cartas que me enviou de Colônia escreveu algumas páginas intituladas 'O olhar e o tempo no Amazonas'. Afirmava que o gesto lento e o olhar perdido e descentrado das pessoas buscam o silêncio, e são formas de resistir ao tempo, ou melhor, de ser de fora do tempo. Ele procurava contestar o senso comum bastante difundido aqui no norte: o de que as pessoas são alheias a tudo, e que nascem lerdas e tristes e passivas; seus argumentos apoiavam-se na sua vivência intensa na região, na 'peregrinação cósmica de Humboldt', e também na leitura de filósofos que tateiam o que ele nomeia de 'o delicado território do âlter'. Era uma carta repleta de citações e perifrases: procedimento generoso para tentar cativar a atenção do destinatário, que respondia com dúvidas e hesitações (HATOUM, 2004, p. 83).

A vida do alemão cartografa o deslocamento entre América (Brasil/Manaus) e Europa (Alemanha – Leipzig e de Colônia). Cria-se um espaço de interação onde a estrangeiridade está articulada sob outra forma de vínculo, não mais dual nem hierarquicamente, talvez rizomática. Ao flagrar a estrangeiridade do contato e sondá-lo em seu traço inacabado, *Relato* exercita o pensamento como forma de abrir frestas que já não são nem dentro nem fora. Exercita a leitura como errância que torna viável a estrangeiridade. Realiza uma experimentação possível de que nossos sentidos não têm limites, portanto, a narrativa jamais fecha possibilidades de encontros de línguas, vidas, performances.

Edward Said (2005, p. 35) ressalta, com enfoque

no exílio, a literatura como um lugar de disputa na sociedade, em que "trabalho, lucro, pobreza, miséria e felicidade fazem parte das representações do artista". Trata-se de não apenas apontar a contradição, mas reconhecer na natureza do texto o pensar por contradição. No *Relato*, tal aspecto começaria no percurso de narradores, como Hakim, Dorner, a própria narradora, que deixam aflorar suas dúvidas e se expandiria em personagens que transitam por tempos e espaços em transformação, como Emilie, Anastácia, o pai muçulmano. Por sua vez, o contraponto estaria em falas que expressam o inacabado e estão em vias de fazer-se, ou seja, ancoram-se na sustentação das contradições. O diálogo consistiria em que cada voz denuncia a si mesma ao falar com os outros, dizendo algo que é o exercício da outridade.

Tomando por base tal perspectiva, concebemos que narradores e personagens, qual mapa, inscrevem múltiplas entradas e saídas, figurando linhas de fuga que tomam a estrangeiridade para tentar compreender quem são, onde estão e por que encontram com outros sistemas de vida. Não à toa, seus itinerários buscam rastrear o lugar de acolhida incondicional que não procura mediar, mas estar em comunhão com outrem, lendo a coexistência implicada que reconhece o próximo e o distante, o familiar e o estranho. É daí que surge a escrita que viaja e o cruzamento de percursos nos quais a estrangeiridade se coloca como topografia fragmentária, em suas mobilidades, margens e mapas configurados em espaços de disputas, lugares de subjetividade, espaços críticos e campo literário em movimento.

De modo singular, a escritura em trânsito do *Relato* promove interações sem esgotá-las em suas formas de conhecimento, estando aberta a franquear leituras de uma totalidade que não seja potencial, conjectural. Por certo, seu modo de atuar estaria em reportar à rede de relações culturais, suspendendo sentidos já estabelecidos e dizendo, por sua própria natureza, o lugar em que se situa para traduzir sujeitos que buscam se equilibrar no reconhecimento de estrangeiridades temporárias e contingentes. Em tal perspectiva, *Relato* se apresenta como um lugar descentrado, isto é, um saber

construído na relação eu-outro, na intersecção de práticas e de olhares que operam em interface com as linguagens do mundo. Os narradores e as personagens são, assim, instâncias de saberes que permitem cruzar discursos estrangeiros, nacionais e "pretensamente afásicos", reconhecendo a impossibilidade de dizer o outro, mas, ao mesmo tempo, conscientes da reponsabilidade de traduzi-lo, deixá-lo vivenciar seu lugar de cultura.

Essa questão é fulcral para entender *Relato* em seu olhar que cartografa não apenas o fluxo transnacional do capital, mas lê o trânsito de pessoas em espaços nos quais distintos pontos de vista são friccionados, tornando-se regra em vez de exceção. É com razão que Ricardo Piglia (2001, p. 45) compreende a literatura como espaço onde é sempre o outro que vem a falar, ou seja, um "espaço de condensação, uma outra cena, uma voz que não se pode enunciar, a não ser como outra". Desse modo, é possível pensar que *Relato* estaria a indagar as condições e as circunstâncias nas quais se realizam as dinâmicas do trânsito, elegendo as virtualidades do narrar para acompanhar o fluxo transnacional de sujeitos e de povos além das fronteiras do estado-nação.

Outrossim, *Relato* fala da impossibilidade de identidades fixas, abrindo brechas para a enunciação de alteridades, portadoras de pluralidade, fragmentação e multiplicidade, todas elas alinhavadas pela condição do sujeito migrante. Ao escrever um texto onde a estrangeiridade aproxima os imaginários, Milton Hatoum elabora um relato que se abisma em espelho onde a narradora registra a busca e o efeito do vazio em uma forma híbrida a capturar interconexões. Em tal movimento, narradores e personagens se deixam ser estrangeiras, estão no estrangeiro e se sentem em casa, estão em seu lugar de nascimento, mas tornam-se estrangeiras. Vivem, afinal, a estrangeiridade e se questionam sobre a unificação, a harmonia e a compreensão do encontro, apontando para o peso da mundialização e da homogeneização mercantilistas em espaços pretensamente locais.

Isso posto, do modo como estamos encaminhando teoricamente, a força da estrangeiridade

está no exercício da relação entre as culturas nacional e estrangeira, configurando práticas de leitura cujos efeitos estão na repetição em diferença. *Relato* seria, em suma, um texto híbrido para o qual converge a estrangeiridade ética, linguística, cultural, afetiva, territorial, inscrita na proximidade absolutamente distante de uma racionalidade estanque, a propor outras linhas de fuga. Por conseguinte, a representação da estrangeiridade conota aquilo que não cabe no real, deslocando sentidos que instalam frações simbólicas da diferença, ao mesmo tempo em que apontam o caráter infinito da relação.

Portanto, nesse caráter infinito dos intercâmbios culturais, realiza-se a estrangeiridade como dispositivo, no qual os elementos significantes do nacional e do estrangeiro são suplementados e os narradores não deixam de se perceber estrangeiros, chegando mesmo a colocar em xeque a centralidade de suas culturas e desafiam novas formas de representar o outro, figurado em sua potência ética. Em síntese, o desenho de uma nação que possa ser esboçado é, sem dúvida, alheio a qualquer tentativa de fundação épica ou obsessão documental. Acima de tudo, o mapa da estrangeiridade, no *Relato*, tem sua elaboração fundada na dinâmica da poética do encontro entre imaginários, culturas e memórias, exercitando gestos de reconhecimento da alteridade e da diversidade estruturantes das sociedades contemporâneas.

Considerações finais

Tendo em vista o conjunto de problemas apresentados tanto no primeiro quanto no segundo tópico, o presente texto propôs refletir sobre a representação da estrangeiridade em *Relato*, espaço textual que explora confrontos e hierarquias sociais e que, ele próprio, é objeto de questionamento e signo de diferenciações. No universo da palavra-imagem da obra de Milton Hatoum, o espaço físico em que se situa a ação narrativa – Manaus, casa, rio, loja quarto, dentre outros, e se deslocam personagens de nações em trânsito – enigma indecifrável em sua plenitude – que é simultaneamente um espaço simbólico a atribuir significações a quem dele participa, é

colocada em questão a estrangeiridade, lugar teórico/metafórico em que ocorre a movimentação, a tensão e o diálogo de culturas.

Nesse sentido, mais do que fechar as leituras dos modos como a estrangeiridade aparece representada no romance de Hatoum, procuramos discutir as tensões estabelecidas a partir das relações conflituosas do nacional e do estrangeiro, vendo aí a elaboração do espaço da estrangeiridade dentro da obra como um modo de ler o mundo atual. Ao pensar a estrangeiridade linguística, cultural e ética na cidade de Manaus, teatro quase que exclusivo por onde transitam as personagens, tomamos o princípio de que a espacialidade amazônica não é homogênea, mas fragmentada e, sobretudo, marcada por interdições, a exemplo da relação entre Emilie e Anastácia, que definem quais habitantes podem habitar a casa libanesa em ruínas.

De tal modo, na base da relação entre nacional e estrangeiro, estão configuradas as linhas de força que impulsionam a dinâmica da estrangeiridade tanto do 'outro' quanto "outro", a entrelaçar vidas cuja aderência ao outro que também está em si permite observar de que forma a escrita de Hatoum reage às desigualdades, às solidariedades e às alianças transitivas. Por isso, em nossa compreensão, *Relato* problematiza padrões de dominação e de opressão, a tensionar imaginários nacionais que são subvertidos desde uma linguagem opaca que reconhece que "dizer sobre o outro já é de alguma forma responder por ele, responsabilizar-se por ele" (LEVINAS, 1988, p. 77). Noutros termos, dizer como responsabilizar é uma estratégia escritural usada por *Relato* para ampliar a cartografia das subjetividades encenadas aí, na medida em que ler a estrangeiridade e suas representações nos faculta ler personagens em trânsito por espaços que nelas inscreve suas experiências paradoxais.

Dessa forma, a cartografia da estrangeiridade móvel, em *Relato*, dá-se na criação de um espaço textual que aborda a emergência de enunciações distintas, permitindo olhar 'outro' como "outro", sabendo-se não ser outro. Sentir com o 'outro', sabendo-se não ser o outro, mas

o "outro" a encontrar versões provisórias da vida atual. Com isso, responsabilizar-se pelo 'outro' como "outro", requer ter responsabilidade de não falar pelo 'outro' como "outro", mas deixá-los falar por si mesmos. Tudo isso atravessa um possível "tempo de ouvir" o 'outro' como "outro" praticado pela narradora do *Relato*, estando dentro da casa estrangeira, mas também dentro de uma Manaus da infância, com as marcas da orfandade e da adoção pelos libaneses. Dessa perspectiva, espaço e sujeito tornam-se móveis, de modo a tomar a estrangeiridade como prática de hospitalidade absoluta que oferece ao estrangeiro libanês, alemão, francês, português, a convivência com faces híbridas da nação indígena, híbrida em seus espectros incontornáveis. Diríamos, então, que o lugar da estrangeiridade é recriado pela hospitalidade radical que figura:

O outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe ceda lugar, que eu o deixe vir, que eu o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto), nem mesmo seu nome (DERRIDA, 2003, p. 23-25).

A estrangeiridade radical é praticada pela própria narradora, sem nome a transitar por camadas de subjetividades e de espacialidades que constituem um campo simbólico, onde várias trajetórias se cruzam e/ou se chocam. Essa conformação espacial permite não somente o encontro de diferentes sujeitos, mas também a percepção da outridade de forma menos hierárquica. É precisamente essa ideia da estrangeiridade radical que surge, por vezes, é problematizada no narrar do *Relato*. O outro absoluto de Emilie, Dorner, pai muçulmano tem lugar na casa em ruínas. A narradora deixa vir o estrangeiro e abre-se para compreender, traduzir e mapear a dicção do outro. Ela deixa Dorner chegar, pesquisar, transitar, fotografar e ler a vida amazônica em seu caráter uno e diverso. Ela deixa Emilie chegar, com suas práticas católicas, sua gastronomia e sua vivência estranha. Ela deixa chegar o pai muçulmano, errante do comércio e leitor ávido do Alcorão, que interliga Líbano e Brasil em suas geografias do afeto. Ela deixa chegar o estrangeiro da própria

nação, representada na caminhada de Hakim, Anastácia Socorro, Samara Délia, Soraya Ângela e dela mesma como narradora como espectros e herdeiros da nação cindida, narrada, portanto, em seus feixes de fuga em direção à estrangeiridade que hospeda repetição em diferença.

Ao viver a trama de representações plurais, a narradora vive o 'outro' como "outro" – ou seja, transita por um lugar de incompletude, indecisão e questionamento da nação. Para a narradora, pensar o 'outro' como "outro" significa não exigir dele reciprocidade, por isso deixá-lo contar, olhar e inscrever as marcas da estrangeiridade transitiva construída na poética do encontro. Sem dúvidas, o 'outro' como "outro" da narradora convoca, desperta espectros que não reconhecem fronteiras e levam a ensaiar outros registros, na medida em que "é na experiência do outro, do sofrimento e da morte do outro, na marca do desejo como ser é que se fundamenta o sentido radical para a vida e para a morte" (RICOEUR, 2007, p.55).

Dito isso, consideramos a estrangeiridade como um investimento ético diante de nossos pares, que podem discordar sobre a legitimidade dessa proposta. Não obstante, pensamos ser preciso experimentar a polifonia das abordagens históricas e das tendências contemporâneas da teoria, crítica e das histórias literárias para dinamizar o campo literário, em suas regras, diria Pierre Bourdieu (1996). Além disso, promover exercícios de releitura do mundo construído pelas obras literárias contemporâneas, examinando a constante invenção do cotidiano ético, de acordo com Michel de Certeau (2011), com vistas a potencializar experiências estéticas pulsantes, bem como referendar a estrangeiridade, evidenciando que ela poderia, sim, fazer parte do conjunto de conceitos-chave para nos movermos de dentro da obra para seu contexto e vice-versa.

Conforme refletirmos aqui, a prática da estrangeiridade como parâmetro para investigar a obra literária pode ainda ensaiar uma compreensão, de maneira mais profunda, da representação do espaço urbano, zona pujante de estrangeiridades visuais, afetivas e ambientais exploradas no discurso literário, jornalístico e acadêmico atuais.

Da mesma forma, o estudo das estrangeiridades femininas, corporais e performáticas pode constituir uma via profícua para estabelecer a fricção entre figurações literárias e culturais provenientes de diferentes espaços sociais, tornando mais dinâmico o contexto das pesquisas de literatura brasileira contemporânea. Daí que nos ocorre de fazer essas considerações finais, provisórias e pontuais, tentando reapontar uma possível conexão entre como falar do 'outro' como "outro" em um mapa da poética do encontro de culturas para ensaiar uma leitura da representação da estrangeiridade em *Relato*.

Para tentar levar a termo tal tarefa, fundamentamos nossas hipóteses de trabalho no compromisso e na emancipação de uma prática intelectual empenhada em desvelar o legado da herança envenenada da modernidade ocidental a nos assombrar ainda hoje. Em suma, argumentamos que falar da representação da estrangeiridade é testar, ensaiar e reapontar leituras alternativas, mantendo vivo o sismógrafo das literaturas de língua portuguesa a tentar capturar os eventos sísmicos da imagem de "um certo oriente" que dialogicamente possa ser vislumbrado em um para quê, quando, onde, como e por que a literatura abordar uma literatura brasileira contemporânea. Portanto, ler 'o outro' como "outro" é podermos ainda estudar literatura nestes tempos sombrios onde o ódio à democracia persiste, mas que convida a articularmos nossos lugares de fala – a universidade, a escola e os espaços de publicação acadêmica – para resistir ao império cognitivo da negação dos saberes produzidos nesses lugares e elaborar leituras de literaturas que interpelem nossa condição humana, ética, ambiental e insustentável de atentado à vida em seu sentido *lato senso*.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamim. Literatura comparada e relações comunitárias, hoje. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Da hospitalidade e do abjeto: percepções do estrangeiro. In: RAVET, Graciela, CURY, Maria Zilda. *Topografias da cultura: representação, espaço e memória*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 63-73.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRANDÃO, Luís Alberto. *Grafias da identidade: literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2005.

BRANDÃO, Luís Alberto. Ficção brasileira contemporânea e imaginário nacional. In: CASTRO, Marcílio França. *Ficções do Brasil: conferências sobre literatura e identidade nacional*. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2006. p. 259-301.

CARVALHO, Ruy Duarte de. Tempo de ouvir o 'outro' enquanto o "outro" existe, antes que haja só o outro... Ou pré-manifesto neo-animista. In: *Buala [s. l.]*, p. [1-6], 17 jun. 2011. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/tempo-de-ouvir-o-outro-enquanto-o-outro-existe-antes-que-haja-so-o-outro-ou-p>. Acesso em: 28 fev. 2020.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Novas geografias narrativas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, p. 7-17, 2008.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Topografias da ficção de Milton Hatoum. In: RAVET, Graciela, CURY, Maria Zilda. *Topografias da cultura: representação, espaço e memória*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009. p. 41-62.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2006.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantele convida Jacques Derrida a falar de hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Tradução Marileide Dias Esqueda, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Tradução de Giovani Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FOUCAUL, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

FOUCAUL, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Org. Manoel Barros da Mota. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999b.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEITE, Ana Mafalda. Reescrever os limiares da História para pensar a Nação. In: LEITE, Ana Mafalda; KHAN, Sheila; FALCONI, Jessica. *Nação e narrativa pós-colonial: Angola e Moçambique: entrevistas*. Lisboa, Edições Colibri, 2012. p. 107-122.

MATA, Inocência. Para uma geocrítica do eurocentrismo. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: Ed.PUC Minas, 2012. p. 66-87.

PADILHA, Laura Cavalcante. Romances como diários de viagem: o caso de Angola. In: LEITE, Ana Mafalda; KHAN, Sheila; FALCONI, Jessica. *Nação e narrativa pós-colonial: Angola e Moçambique: entrevistas*. Lisboa: Edições Colibri, 2012. v. 1, p. 131-142.

PIGLIA, Ricardo. Una propuesta para el nuevo milenio. *Margens/margenes. Revista de Cultura*, Belo Horizonte, n.2, out. 2001.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

SAID, Edward. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

SANTIAGO, Silviano. A multiplicidade de Silviano. In: COELHO, Frederico. (org.). *Silviano Santiago*. [S. l.: s. n.], 2011. (Coleção Encontros).

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a Questão do Outro*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1988.

TODOROV, Tzvetan. Nós e os outros. A reflexão francesa sobre a diversidade humana. Trad. Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. 194 p.

Amilton Queiroz

Doutor em Estudos de Literatura/Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre (UFAC), em Rio Branco, AC, Brasil.

Rogério Nogueira Mesquita

Doutorando em Geografia Humana pela Universidade Federal de Rondônia UNIR, em Porto Velho, RO; diretor da Escola Nova Vida, em Bujari, Brasil.

Ezilda Maciel Silva

Doutora em Teoria da Literatura/Literatura e práticas sociais pela Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil; professora da Universidade Federal do Sul e Sudoeste do Pará (Unifesspa), São Félix do Xingu, PA, Brasil.

Endereços para correspondência

Amilton Queiroz

Universidade Federal do Acre

Rua Teotônio Vilela, 179

Ayrton Sena, 69911860

Rio Branco, Acre, Brasil

Rogério Nogueira Mesquita

Universidade Federal de Rondônia

Av. Presidente Dutra, 2965

Centro, 76801-974

Porto Velho, Rondônia, Brasil

Ezilda Maciel Silva

Universidade Federal do Sul e Sudeste

Rua Constantino Ferreira Viana, Quadra 8

Centro, 68380000

São Félix do Xingu, PA, Brasil